

RESTAURAÇÃO OU AGGIORNAMENTO DA IGREJA?

Urbano Zilles

O Concílio Vaticano II produziu indiscutíveis mudanças exteriores na Igreja Católica. Entretanto, parece que não se pode dizer o mesmo quanto à conversão interior. Com sensibilidade, João XXIII pretendia um *aggiornamento* para superar o abismo que, muitas vezes, separa a Igreja do mundo concreto de hoje. Recentemente, todavia, não faltam indícios de tendências cada vez mais expressivas, visando restaurar o passado por medo do futuro.

A *Carta do 1º Fórum da Igreja Católica no RS* reconhece tendências restauradoras, quando afirma que “as práticas atuais da formação de agentes são ainda excessivamente voltadas para o interior da Igreja e baseadas numa doutrina pré-conciliar”. Se quisermos construir uma Igreja viva e não apenas uma igreja de pedras, de discursos e documentos de papel, será preciso ouvir mais a fundo o que a sociedade de hoje tem a dizer. Do contrário, os pastores responderão a perguntas não-feitas. Pastores e teólogos falarão do mundo virtual, ou simplesmente como imaginam que poderia ser, trabalhando com a idéia de um Cristianismo monolítico e ignorando a complexidade do pluralismo religioso, também dentro do Cristianismo.

A tendência restauradora vem acompanhada, assim parece, com um velho clericalismo que identifica a Igreja com a hierarquia. Nesse mundo é proibido ao leigo pensar por si mesmo. Quando se descrevem fatos, o teólogo tem a tarefa de buscar os mecanismos geradores das situações concretas. Um dos maiores obstáculos nesse trabalho são as ideologias. O médico cura, eliminando as causas da doença. Se perguntarmos apenas por que o mundo se afasta da Igreja, pressupomos que a culpa é do mundo. Mas o crítico deve perguntar também: por que a Igreja se fixa tanto no passado que esquece de interpretar o presente como o único *kairós* dado a nós por Deus?

Muitas vezes, a hierarquia e teólogos falam das culturas como se falassem da Igreja, isto é, como se os anseios dos povos coincidissem simplesmente com os da Igreja Católica. É a idéia de Cristandade que identifica os povos com a Igreja. Esquecem que, no mundo pluralista, enfraquecem-se cada vez mais o sentimento e a consciência de pertença institucional. Para garantir uma presença efetiva da Igreja, na sociedade atual, não bastará restaurar, mas será preciso desenvolver um espírito novo. O que convence as pessoas não é tanto o discurso quanto o testemunho cristão de vida. Tal testemunho, todavia, deve ser como cidadão do século XXI. No discurso é preciso mostrar o sentido da fé para a vida.

A Igreja, através de seus agentes de pastoral, deverá abandonar a atitude de “dona da verdade”, ou seja, de dona do Espírito Santo. A realidade, na qual vivemos, não é a verdade definitiva. A palavra de Deus é dirigida a todos os homens e não apenas a uma classe social. Se é verdade que os pobres ocupam um lugar especial no Evangelho de Cristo, tal não permite idealizarmos acriticamente o estado de pobreza. S. Paulo também adverte que quem não quiser trabalhar, não coma.

Um dos aspectos mais positivos do *1º Fórum da Igreja Católica no RS* foi, certamente, o clima de liberdade. Deus não quer, diz S. Paulo, filhos escravos, mas livres, pois só quem é livre é responsável. Ser livre dignifica o ser humano como filho de Deus.